

A Direcção, os jornalistas, operários e demais trabalhadores do Jornal «Notícias» desejam aos seus leitores e público em geral votos de um Ano Novo Feliz.

notícias

a pátria
chama por nós

Director: Mia Couto

Maputo, quarta-feira, 1 de Janeiro de 1986

Preço 10,00 MT

VENCENDO A CRISE QUE ENFRENTAMOS

A RPM TEM TODAS AS CONDIÇÕES PARA CONSTRUIR O BEM-ESTAR

— Presidente Samora Machel na mensagem de Ano Novo dirigida à Nação

O Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Machel, endereçou ontem ao Povo moçambicano uma mensagem de Ano Novo.

Nessa mensagem, o Chefe do Estado disse que a República Popular de Moçambique tem todas as condições para vencer a crise e construir o futuro de bem-estar e prosperidade que todos desejamos.

Mocambicanos, Moçambicanos, Compatriotas,

Mil novecentos e oitenta e cinco foi

o versário da Independência Nacional. Do Rovuma ao Maputo, moçambicanos de todas as origens e de todas as condições, festejaram com júbilo

e orgulho este grande aniversário da nossa Pátria soberana e livre.

Em cerimónias oficiais e também nas comemorações espontâneas que ocorreram por toda a pátria, o Povo moçambicano reverteu o longo caminho recorrido.

Todos recordámos, com vibração patriótica, as duras provocações e sacrifícios que importou a conquista da Independência Nacional.

Com amor e devoção falámos dos nossos heróis, aqueles que com o seu exemplo e a sua vida construíram a vitória na Luta Armada de Libertação Nacional. Mes o 10.º aniversário foi sobretudo momento de avaliação das realizações da República Popular de Moçambique, na dignificação do homem e construção do bem-estar, do progresso e da justiça.

Apreciamos o profundo significado das primeiras medidas políticas, económicas e sociais, conducentes à construção de um Estado de democracia popular e à criação das bases da sociedade socialista na nossa Pátria livre.

Apreciamos a actuação diplomática consequente da República Popular de Moçambique a favor da libertação dos povos, contra o imperialismo, o colonialismo, o racismo e o «apartheid», pela paz, pela democracia, pelo progresso e justiça social.

Analisámos e compreendemos a verdadeira dimensão da guerra que nos movem os inimigos da liberdade, apostados em subvertir a natureza do nosso Estado e o sentido da nossa Independência.

Do lado das condições climáticas adversas e das passadas consequências da crise económica mundial sobre a nossa economia, a agressão que do exterior nos é movida tem constituído um factor de incidência fundamental no atraso da nossa recuperação económica.

Apesar do concurso de tantos factores negativos, a República Popular de Moçambique tem todas as condições para vencer a crise e construir o futuro de bem-estar e prosperidade que todos desejamos.

A estratégia que o nosso Estado prossegue, sob a direcção do Partido Frelimo, dá já os seus primeiros resultados.

No plano internacional neutralizámos o cerco que o imperialismo pretendia fechar à nossa volta. Conseguimos avanços no isolamento das forças agressivas da nossa região. Reforcámos as nossas alianças e ganhamos mais amigos. Crescem constantemente a simpatia e a compreensão para com as posições da República Popular de Moçambique.

Hoje o Mundo está consciente de que Moçambique é vítima do terrorismo. Muitos países, incluindo no Ocidente, condenam a agressão terrorista e racista contra o nosso País. Manifestam a sua solidariedade e querem contribuir positivamente para o estabelecimento da paz na África Austral.

Respeitando a nossa opção socialista, promovemos a cooperação com todos os membros da comunidade internacional. Com optimismo realista encaramos o desenvolvimento positivo das relações que mantemos com novos parceiros económicos.

Salienhamos e saudamos o apoio material que, de forma crescente e importante, a comunidade internacional vem prestado à República Popular de Moçambique.

No plano interno, a ofensiva militar permitiu destruir as principais posições do banditismo armado e desarticular a sua acção criminosa.

A nossa ofensiva tem levado à libertação de milhares de componentes que viviam escravizados pelos bandidos, em condições sub-humanas e brutais. Apesar do apoio que círculos belicistas sul-africanos continuam a conceder ao terrorismo em violação do Acordo de Nkomati, é inevitável a desagregação do banditismo armado.

O Estado moçambicano manterá a aplicação da política de clemência em relação àqueles bandidos armados que se entregarem às nossas autoridades com as suas armas, verdadeiramente arrependidos e dispostos a serem reintegrados na Nação moçambicana.

O Estado continuará a ser inflexível e implacável contra todos aqueles que persistirem na via do crime e da barbárie contra o nosso povo.

Compatriotas,

Mil novecentos e oitenta e seis será o ano da generalização da ofensiva em todas as frentes.

Sentimos com emoção o entusiasmo patriótico com que todo o nosso povo e, em particular, a Juventude, se põem ao Chamamento para a Defesa da Pátria. A incorporação de tantos jovens com graduação académica e diversas experiências profissionais, contribuirá para elevar o nível organizativo das nossas Forças Armadas e, consequentemente, melhorar a sua

prontidão combativa.

Registemos também que, por parte de todos os sectores de actividade, e especialmente os produtivos, é melhor assumido o princípio da que a guerra é a primeira prioridade.

Do mesmo modo, podemos assinalar que cresce a compreensão de que as operações militares devem ser planificadas, tendo em conta as necessidades do desenvolvimento económico.

de materializar o princípio da prestação regular de contas e a responsabilização individual pelo cumprimento das tarefas.

Assim, elevaremos o nosso nível organizativo. Assim aumentaremos a produção e a produtividade, garantindo a realização das metas traçadas no Plano.

Assim avançaremos com segurança

classe, o exercício do poder nas Assembleias do Povo.

A realização das Eleições Gerais nas condições da guerra que o país enfrenta, constitui um desafio à capacidade e à determinação de todos os patriotas, de todos os moçambicanos empenhados na criação do progresso e bem-estar na Pátria Libertada.

No decorrer do processo eleitoral, deveremos promover um amplo debate sobre as tarefas das Assembleias do Povo e dos deputados na nossa sociedade.

Há muitas lições a tirar do estudo da experiência das Assembleias, cujo mandato vai expirar.

As Segundas Eleições Gerais constituirão um momento alto da vida da nossa Nação independente e soberana. Através delas garantiremos que o povo estará representado, nos mais elevados órgãos do poder de Estado, em cada escalão, pelos seus melhores filhos: por aqueles que melhor interpretarão e servirão os seus interesses.

Façamos das Segundas Eleições Gerais um momento de consolidação da Unidade Nacional, de elevação da consciência patriótica, de agudização da vigilância, de aprofundamento da democracia popular, de fortalecimento do poder do Estado de operários e camponeses.

Mocambicanos, Moçambicanos, Compatriotas,

Mil novecentos e oitenta e seis, será o Ano Internacional da Paz. Importa que, no interesse de toda a Humanidade, se prossigam as acções já significativas realizadas em 1985, no sentido da eliminação das causas das tensões, conflitos e guerra.

A nível mundial, consideramos necessário desenvolver as tendências favoráveis ao entendimento, ao diálogo e à paz, mantidas em 1985, nas relações entre Estados com sistemas políticos e sociais diferentes.

Evitar a militarização do espaço cósmico, cessar a corrida armamentista, destruir o arsenal militar capaz de acionar uma guerra nuclear destruidora da própria civilização humana, são direcções fundamentais na política internacional. Estas direcções constituem parte da política externa de paz da República Popular de Moçambique.

Cessar, ao nível regional, os actos de guerra, as agressões o terrorismo e o uso da força nas relações entre os Estados são também direcções fundamentais às quais deveremos prestar a atenção necessária.

Alcançar a paz na África Austral significará Independência Nacional para a Namíbia e o fim do «apartheid» na África do Sul. Significará respeito pela soberania, integridade territorial e independência dos Estados da África Austral. Significará consequentemente cessação dos actos de agressão, da violência e terrorismo, promovidos pelos círculos belicistas da África do Sul, em violação das mais elementares normas de direito internacional, reguladoras das relações entre os Estados.

A paz é factor indispensável para o desenvolvimento dos povos. A paz duradoura significa também concentrar



O Presidente Samora Machel dirigiu-se ontem, à Nação, para pronunciar a mensagem de Ano Novo

no combate ao roubo no Estado, à utilização do Estado para o enriquecimento de alguns, à cangaço, ao burocratismo, à negligência, ao desleixo ou relaxamento e à indisciplina.

Assim reforçaremos a disciplina, generalizaremos o princípio da austeridade e o espírito de trabalho árduo, o espírito de servir o povo.

Assim exerceremos o nosso poder de Estado.

Assim faremos de 1986, o Ano da Responsabilização.

Mocambicanos,

Mil novecentos e oitenta e seis, será o ano das Segundas Eleições Gerais. Seremos chamados a eleger de entre nós, aqueles que mais seguras provas dêram da capacidade de assumir, com profundo sentido de

isto aplica-se, nomeadamente, à Lei de Investimento Estrangeiro, às novas disposições sobre a gestão cambial e à política de liberalização dos preços de alguns produtos do abastecimento do povo.

O estudo mais sistematizado destes casos e a proposta de acção adequada a cada situação são os objectivos do trabalho de uma Comissão nomeada pelo Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo para preparar um programa de medidas de política económica, a implementar a partir de 1986.

Esta Comissão terá incidir o seu trabalho, de uma maneira especial, nas questões relativas a preços, salários, organização do trabalho e requilíbrio financeiro.

Em 1986 aprofundaremos e ampliaremos as acções de controlo sobre as empresas, cooperativas e unidades de produção e sobre o próprio aparelho de Estado. Implementaremos a Lei do Trabalho aprovada na 14.ª Sessão da Assembleia Popular.

Actuaremos em todos os níveis o princípio da prestação de contas. Neste processo, é urgente a activação das comissões de trabalho das Assembleias do Povo que deverão em cada escalão controlar o funcionamento das empresas estatais.

Em todos os sectores, do dirigente do aparelho de Estado ao director da empresa, escola e hospital, teremos

cada vez mais meios e recursos no desenvolvimento dos povos, para que sejam eliminadas as diferenças gritantes entre a miséria e a opulência, entre a estagnação de muitos e a prosperidade de alguns.

A República Popular de Moçambique prosseguirá com os seus esforços em favor da paz na África Austral e no mundo.

Compatriotas,

Queremos salientar nesta ocasião, a nossa convicção profunda de que a prosperidade e o bem-estar dependem essencialmente do esforço e determinação de todos e de cada um de nós.

Os dirigimos os melhores votos de Feliz Ano Novo, boa saúde e prosperidade a todos os moçambicanos, reafirmamos que a felicidade só se constrói com as nossas mãos, com a nossa inteligência, a nossa coragem, a nossa capacidade. A felicidade não se constrói com a dedicação inabalável à causa do povo, com confiança indestrutível na vitória, sejam quais forem os sacrifícios a fazer.

Neste início de um Novo Ano, dirigimos uma saudação muito especial aos soldados, marinheiros, sargentos e oficiais das Forças Armadas de Moçambique (FAPM), que com heroísmo e abnegação constituem a muralha de aço intransponível contra a qual se esmagam todas as tentativas de agressão.

Saudamos as forças policiais e os serviços de segurança, cujo agudo sentido de vigilância constitui o garanto da tranquilidade da vida e do bem do povo.

Saudamos os operários, os camponeses, os cooperativistas, os artesãos, todos aqueles que com as próprias mãos, constroem a riqueza da nossa grande e bela Pátria.

Saudamos os intelectuais revolucionários, os quadros técnicos, os funcionários do Partido e do Estado.

Saudamos com viva emoção os professores, os médicos, os enfermeiros, as parteras que, apesar das grandes dificuldades se mantêm firmes no seu posto de trabalho e tudo dão para que a cultura e o bem-estar físico e mental sejam património de todos e de cada um de nós.

Saudamos todos aqueles que, sem olhar a sacrifícios, lutam pelo progresso e bem-estar do nosso povo. Saudamos com carinho a mulher moçambicana, as nossas mães, aquelas que geram permanentemente no seu ventre os heróis desta Pátria.

Saudamos com particular amor as nossas crianças, flores que nunca murcharão, continuadoras da revolução moçambicana. Elas são a razão principal da nossa luta, nelas construímos hoje a garantia do futuro brilhante que desejamos para o nosso país.

Saudamos igualmente aqueles que vindos dos vários continentes laburam solidários com o nosso povo, mesmo em condições difíceis, contribuindo com a sua persistência, dedicação e competência para o enriquecimento e prosperidade da Pátria moçambicana.

Com o esforço e a dedicação de todos, firmes do ano de 1985, uma etapa decisiva na resolução das nossas dificuldades, na construção de uma vida melhor para nós e para os nossos filhos.

Festas Felizes

Bom Saúde, Bom trabalho e muitas vitórias!

A Luta Continua!



A imagem reporta o momento em que o Chefe do Estado se dirigia ontem ao Povo moçambicano por ocasião de mais um ano que hoje tem início

editorial

Nós construiremos o ano

Ontem mesmo, marcamos o final de mais um ano. 1985 passou por completo para a História.

E hoje, 1 de Janeiro de 1986, registamos o início de uma nova etapa na vida de cada um de nós, um novo ano se nos apresenta por viver, fazer vencer. Um ano em que cada um será chamado a assumir as suas responsabilidades perante a sociedade.

Por esta altura, contudo, muitos de nós encontramos-nos ainda como que na intersecção de duas partes de uma estrada permanentemente por percorrer, um pé suspenso no ar, na breve curva descendente para o primeiro passo desta nova caminhada.

É um certo sentimento de receio — mas sempre feito certeza pela nossa esperança —, causada pelo impacto de um ano que se abre, que nos desafia.

Agora, rememoramos os caminhos que tivemos que percorrer nos últimos 12 meses, as lutas que travámos, ganhamos ou perdemos.

Exumamos todos os nossos sonhos prometidos, realizados ou não, em sorrisos ou em lágrimas.

É hora, pois, de relegarmos o jóio para trás e pegarmos no trigo para amassarmos o pão que neste novo ano vamos comer.

Assim nos ensina a vida. Ao passarmos em revista a nossa existência durante o ano que ontem terminou, descobriremos, então, as transformações que sofremos.

Que das lutas que travámos e vencemos, muitas outras vitórias se pronunciam para este ano; que dos reveses sofridos, as nossas forças redobramos, a nossa consciência ficou consolidada, a certeza da vitória final é inabalável.

Vivemos e sofremos mais um ano. Trabalhámos.

As nossas famílias uniram-se mais, multiplicaram-se, porque novos membros chegaram, continuadores da nossa luta.

Mas muitos dos nossos irmãos desapareceram, muito do que construímos foi destruído por homens indignos da nossa Família. Da Família Moçambicana. É esta a nossa realidade, é esta a razão da nossa luta, hoje.

E a nossa luta — a luta da Família Moçambicana — é contra os bandidos armados, os que nos obstruem a estrada da nossa vida.

Assim revimos, em grande plano de 1985, no campo militar, uma grande vitória, abrindo alas para a recta final de acabar com o terrorismo; revimos o grande impulso à produção, a convicção de que, nós mesmos, seremos capazes de criar a nossa própria riqueza, o que necessitamos no dia-a-dia; revimos a força com que vivemos os últimos 10 anos, a determinação de querermos construir a felicidade que todos desejamos.

Mas ainda temos um caminho longo por andar, uma batalha mais dura por enfrentar. 1986 não será, apenas, mais um ano, será o ano da responsabilização, o ano da razão, da esperança que gera o futuro próspero dos homens. Um ano de exigências, um ano que vai requerer muita firmeza e determinação.

Nos finais de 1985, a Família Moçambicana reuniu-se para discutir a sua vida, debater os seus grandes e graves problemas nacionais, para reafirmar a vontade de prosseguir com os ideais libertadores iniciados há mais de 20 anos — que ninguém «nos venha cuspir no sangue derramado».

Houve frieza e agressividade nas discussões, chamaram-se as coisas pelos seus próprios nomes. E o caminho a seguir ficou mais limpo, mais nítido.

Este ano, pois, há que emprender esse caminho, essa batalha mais dura, mais libertadora. Há que responsabilizar a todos pela sociedade e perante a sociedade.

O Povo pede contas aos seus dirigentes. Os dirigentes prestam contas do trabalho que o Povo lhes incumbiu. E assim purificar-se-á mais a nossa sociedade, o espírito e a letra da nossa Revolução Socialista.

Lutaremos. Nasceremos do e no combate, vivemos em combate até hoje. Este ano, uma vez mais, elegeremos em guerra os nossos novos representantes. A guerra que tem sido o símbolo da nossa existência. A guerra contra os bandidos armados, a guerra contra os infiltrados, os incompetentes, a fome, a miséria, o subdesenvolvimento agudo que nos é imposto.

1986 é o ano da grande esperança, da esperança decisiva para os homens, para o Mundo.

A República Popular de Moçambique é um País que luta por um Mundo melhor, um Mundo de Paz, de entendimento e justiça entre os homens.

A Paz, no Mundo, está ameaçada, mas a esperança e a inteligência do Homem prevalece.

Assim terá que ser este ano.

Na nossa Pátria, lutaremos por isso, ao lado dos que, como nós, sofrem. Transformaremos os homens e a Natureza, pelo objectivo comum de todos os povos dignos da sua existência — Pão, Paz e Progresso.

1986, nós o faremos; nós construiremos o ano.